

mória valiosa que se eterniza na bibliografia da cidade. Ele rememorou fatos e indivíduos dando a estes vida, fazendo-os falar, agir, viver, dentro da memória que nos legou. (~~Bento Grand - Her Florence~~)!

E neste objeto não se poderia ~~de~~ esquecer o memorialista da revolução de 1842, Amador Bueno Machado Florence que em 1882, entre 7 de junho e 16 de julho, publicou "memórias" na "Gazeta de Campinas". Mas como disse há pouco na Academia Campineira de Letras, a acadêmica Maria Conceição de Arruda Toledo, ~~em~~ ~~memorialista do historiador~~ "em "Campinas os historiadores só têm cuidado da história local do século dezenove e anteriores". Isto se confirma com Benedito Uvário, Leopoldo Amaral, Francisco Quirino dos Santos, Elmar Simões Magro, Carlos Ferreira e outros, mesmo com quem faz estes comentários pois não passará do alvorecer do século vinte

Memorialista é quem descreve fatos que presenciou ou n'elles tomou parte

André Perez y Marin

Camilo Vanzolini

Carlos J^o de Paula

Gustavo Enge

Henrique Augusto Vogeler

José Bento de Assis

tem, Frei Agostinho de Jesus, do século dezanove, o
 ao goiano Veriz Vale, emulo do grande Aleijadinho.
 Na pintura, artista da renascença, outro do sécu-
 lo passado, como Hercules Florence e retratistas es-
 trangeiros que retratavam compenheiros ilustres da
 época imperial.

Na escultura possui Campinas a se-
 gunda coleção estadual de arte religiosa,
 cambrosamente reunida pelo seu primeiro
 arcebispo, Dom Paulo de Tarso Campos, o
 religioso exemplar, orador de extraordinários
 dotes, purista da lingua, historiador e alto
 pendor artístico, o Museu Arquidiocesano
 que conserva peças de grande significa-
 do artístico, destacando-se obras do passado
 como as de Frei Agostinho de Jesus, o ceramis-
 ta hereditário do século dezanove; ~~outras~~
~~outras~~ ^{outras} esculturas, ~~do século dezanove~~
 e outros mais, especialmente artistas ~~de~~
 anônimos, dos varios pontos do Brasil, ~~ou~~
 com destaque para os ~~provenientes~~
 de Baía, de Pernambuco, de
 Minas Gerais, centros que em épocas passa-
 das se ~~destacaram~~ ^{impuseram} pela produção de escultura
 sacra, mas, ^{que} pelo vulto desta produção, reu-
 nindo grupos grandes de artistas, se destan-
 quam pelo nome da região, ~~destacando~~ ^{durando} os
 indivíduos que lhe emprestaram seus talentos

Música
 Escultura
 Arte Sacra
 Pintura
 Arquitetura

generosamente, no alvado, ~~pe~~ como se faz
em Carrara, criando também aqui, famílias
de artificies ~~pe~~ desconhecidos mas auto-
res de trabalhos valiosos o que ainda existe
em Ouro Preto e outros locais, com os ma-
nipuladores talentosos da pedra sabão.

CMP 2.1.9.6.74 SA
É na pintura, ~~asombrosa~~, Campinas

não houve menos. Desde o século passa-
do quando Hércules Florence, logo após o
seu casamento, se tornou nosso cidadão
para honrar-nos com sua ciência e sua
arte, para descobrir aqui a fotografia como
o primeiro do mundo, o que se provou com
exuberância e passou a ser confirmado pelas
Universidades de América do Norte, graças aos
estudos e demonstrações de comprovação docu-
mental do professor paulista Boris Kossov.
Hércules Florence foi cientista e

foi artista, e no mesmo Museu Arquivio
cesano se conserva um guache ^{per} retratando
^{de natural,} antigo vereador de Campinas falecido em 1850.

Depois desta última data, Campinas
opulenta passou a ser visitada por grandes
pintores estrangeiros, pois não havendo
ainda as fotografias comerciais, as poderosas
famílias faziam retratar seus componentes
pelo pincel do artista de óleo, de aquarela
e de creion.

Então, aqui produziram, especialmente com o retratos, seguidos Hercules que foi retratista e paisagista registrando aspectos de vilas e locais, aqui estiveram pintando retratos Claude Joseph Baraudier pelos anos de 1865; Joaquim da Rocha Fragoso, entre 1870 a 81; Elpínce Torrini em 1877-82; Emílio Vilanueva em 1877; Salvador Scolá em 1878-79; Fernando Pieredz 1878. Em 1880 foram expostos retratos pintados por Narciso Figueiroa Sirbal, Firmino Monteiro e José Maria Villaronga que pintou o pano de boca do antigo Teatro São Carlos, enquanto em 1881-83 surgiam trabalhos de ^{de retratos e óleos,} ~~Supercio Teixeira de Camargo,~~ ^{segundo Norfina,} Carlos Artells, Miguel d'Almeida, Leopoldino Faria. ^{depois de} ~~Em 1885~~, Antônio Carlos de Sampaio Peixoto, Evangelista Costa, Ernesto Papst e Júlio Ahmstron, e Agnelo Correia que parece ter sido o último pintor retratista que atendeu em Campinas no século passado. Seguiriam-se retratos e vistas à creiom, com vários artistas de elevados recursos artísticos, ~~destacando-se Alfredo Norfina~~

Hoje se ^{percebe} ~~destaca~~ como a maior pinacoteca de retratos a óleo em Campinas, a da Santa Casa de Misericórdia que sempre homenageou seus benfeitores e seus provedores, reunindo um acervo de mais de uma centena de telas entre as quais, de vários artistas, ^{encontra} ~~se destaca~~ Oscar Pereira da Silva, de maior

nome na vida da clássica e brasileira
pintura de óleo em telas.

Dispõe o Museu Arqueológico de
Campinas, Museu Histórico e verdadeiramente
chamado de Museu de Arte Sacra por ter
em exposição permanente apenas a parte
de seu acervo deste último ramo de ar-
te, de mais uma e meia centena de
trabalhos pitóricos, ~~especial~~ em maior
numero produzido por artistas do século
passado.

E se recordamos aspectos da vida
artística do passado de Campinas, é justo
que se ponha em evidência o trabalho que
se realiza de compor neste prédio magnífi-
co, um centro de arte, ^{cultural} juntando obras e
memórias históricas para instituir um
centro de arte, da arte musical, da arte
plástica, da arte cênica, da arte literá-
ria, da arte da imagem, ^{da arte coreográfica} e tantas mais
com os seus ramos de especialização que se
multiplicam.

É seria muito grato lembrar os
artistas de hoje que dignamente prolongam
os esplendores da arte que embelezou a vida
passada de Campinas, para que o presente
também se engalane ~~também~~ com os

um foco de luz
esplendores; acolhe-nos um salão de
ambiente requintado, do prédio mag-
nífico que chamamos de Palácio da
Moziana.

Acolhem-nos estas paredes mar-
monizadas como se de Carrara fossem,
de apurado neoclassismo revivendo
arte grega com suas doze colunas
de capitais coríntios, ornados pelas

valores ~~estéticos~~ de hoje, continuados
res brilhantes de brilhante passado, em
variados campos, ~~de~~ ~~arte~~ consolidando
cada vez mais o renome da cidade da
música que se multiplicou em excelstude
e se multiplicou em campos de inspiração
variada e valorosa, motivo de uma
nova realização que será um centro
de arte agasalhado neste palácio
renascentista de requintado exterior.
e que nos acolhe hoje, nesta serata.

Acolhe-nos hoje com o interesse
pelas louçanias de nossa cidade, com um
objetivo de arte, objetivo realizador e
patriótico que deverá dar a Campinas
um novo eus cultural para valorizar

folhas de acanto, entre aberturas de
reugas retas coroadas^{de} aprimorados
frontões. Acolhem-nos estes dois
esplêndidos painéis, quase nichos
a espera de obra de arte que os
complete e valouze, tudo envolto
no exterior palaciano de apurada
arquitetura que o qualifica entre
os mais belos.

Ja se havia marcado e agora
acrescia a arquitetura de Campinas —
uma fase renascentista com quatro
palácios de alto valor artístico — o
palácio dos Alves lamentavelmente
demolido; o palácio Itapura lamen-
tavelmente desfigurado por acresci-
mos que o desclassificam; este que
nos acolhe; e o primeiro palácio da
justiça da cidade, hoje Cadeia Pú-
blica na Avenida Audriade Neves,
obra do campinense arquiteto Fran-
cisco de Paula Ramos de Azevedo, tam-
bém lamentavelmente prejudicado
por duas construções laterais formam
do um horrível conjunto de duas

medonhas construções modernas. Então resta a Campinas o prédio que nos acolhe, mutilado mas sem mácula para o remanescente, que merece o carinho e os cuidados da gente de nossa terra que saberá seguir o rasgo de audácia dos paulistas de 1867 e de 1872, realizadores com as suas forças próprias, da gigante e então oportuna política ferroviária, que marcou valorosamente o progresso da província, hoje Estado de São Paulo.

Estávamos no ocaso do século dezenove quando dois irmãos arquitetos projetaram e construíram estes primores de palácios que nos abriga. Triunfos da terra da arte, trasladaram para Campinas suas almas de artistas, sua cultura avida na riqueza da arte italiana com a lembrança luminosa de palácios de Génova, uma nova Carrara de mármore trabalhados; ou Milão mais renascentista para ser o berço e senhor da musicalidade italiana que se sublimou como nenhuma outra; ou a romântica

deris com que deu a seus palácios
suntuosidade do império bizantino
e "voluptuosas e suaves curvas da
arquitetura árabe". Eram os irmãos
Mazzini radicados na terra campi-
nense quando a riqueza da cultura
cafeeira levou ao pináculo do pro-
gresso uma empresa de transporte
ferroviário capaz, pelo bom gosto
e pelo poder econômico de dar esta
foia de arquitetura à nossa cidade
~~que seria~~

~~Campinas, sala nobre de~~

Se já chamamos este palácio
que nos acolhe, de Palácio de Mojiana,
o que ele foi, chamemo-lo agora o
que será, Palácio das Artes

Campinas,

~~risso construindo próprio para suas~~⁶
~~realizações sociais, musicais e cênicas.~~
CMP 2.5.9.6.7.12-
17

A segunda metade do século passado não só se marcou com a generosa produção de café do rico solo campinense, como com o elevado nível intelectual e científico a que chegou esta terra. Estudos superiores em países mais adiantados, viagens culturais e de recreio ou, como então diziam "banhos de civilização", arte cênica já enriquecida com a ópera que desde anos passados empolgava a Europa, trazida para Campinas na mesma oportunidade que se apresentava em São Paulo, a capital da província, cultura francesa generalizada a par de hábitos e comércio de França, educação intelectual da mulher que já lia com ~~total~~ liberdade e escrevia com primor, tudo repletido na imprensa da cidade que, então, era verdadeira escola de literatura pelos seus numerosos colaboradores desta e de outras cidades de maior crescimento.

Alguns exemplos pessoais ~~para~~ de talentos e marcantes da segunda metade do século passado, vêm logo a memória com ~~no-~~^{no-}mes ~~como~~ do maior dos compositores do Brasil, triunfando de forma inigualável até hoje, ~~mas~~ no mundo artístico que graças a munificência imperial de Dom Pedro II,

projetou o Brasil, com glória, na vida operística do mundo, laureado na Itália ^{aperfeiçoamento} seus ~~dados~~ culturais, e enviando da Itália para o plano universal, as joias de suas produções musicais - Antônio Carlos Gomes.

E foi este brasileiro seguido, também no campo musical da Europa mais culta, por outro talento, também nascido em Campinas, Maria Monteiro que em sua breve vida, pois faleceu aos vinte e sete anos de idade, depois de diplomada em Milão e de entusiasmas, pelo seu talento e cultura, as plateias ^{lyricas} ~~aperfeiçoadas~~ da Europa, cantando ao lado de luminares de maior grandeza nos melhores palcos da ~~Europa~~ arte cênica, com Tamagno e de Marchio, ^{então} ~~Foi~~ seguido, mais tarde por outro filho de Campinas, o tenor Camargo que chegou a nossos dias cantando em permanência na Ópera de Paris

É orgulho nosso lembrar esses talentos que puderam lapidar suas vocações nas melhores escolas do mun-

do.

Ainda na produção operística, depois de referir ao maior Carlos Gomes, devemos registrar nomes de outros compositores de óperas, aqui nascidos: Sant'Ana Gomes, irmão mais velho de Carlos Gomes, cujo sesquicentenário de nascimento veremos transcorrer neste ano; Carlos de Campos, músico que presidiu o Estado de São Paulo, e Mário Monteiro que completou o grupo de campineiros autores de óperas.

E Campinas ainda abrigou o compositor a quem se deve ter sido o primeiro brasileiro que teve obra lírica sua, encenada no Brasil, Eliás Álvares Sobô, cujo sesquicentenário de nascimento também transcorre no ano corrente, que residiu, lecionou e compôs valiosos trabalhos em Campinas, aqui deixando geração de músicos e compositores, dos quais ainda fulge na constelação pianística, a campineuse Menininha Sobô.

Resta-nos ainda cultivar a memória da primeira mulher brasileira que foi escultora, como disse bem Raphael de Andrade Duarte em 1936:

" Parece incrível mas é verdade: muita gente ignora quem é a campineira Nicolina Vaz de Assis! Uns nem lhe sabem o nome, outros julgam-na apenas amadora em escultura!"

" E venha eu agora afirmar a esses indiferentes ou incrédulos, que Nicolina Vaz de Assis é uma legítima glória campineira, artista que honra não só o seu berço natal, não só o seu glorioso Estado de São Paulo, mas todo o Brasil!

Discípula que foi de Rodolfo Bernardelli, na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, e de Denis Puech, em Paris, como pensionista que fora do governo do Estado de São Paulo, durante os anos de 1904, 1905, 1906 e 1907. Enaltecida por

direitas menções honrosas, com medalha de prata em 1907, e medalha de ouro na Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1906.

Além diz o criterioso escritor Raul de Navarro que "a sua arte se caracteriza pelo dom suave de plasmar a graça e candura das crianças". E acrescenta: "Vendo os seus delicados trabalhos sinto toda a infinita beleza dessas miniaturas humanas, que são os entes pequenos, cuja inocência e alegria florescem e brincam no mármore, pelo toque subtilíssimo de suas mãos sensíveis e criadoras."

Mas não foram apenas as nossas exposições nacionais que viram seus bronzes e mármore. Consciente do seu valor quiz sujeitar ~~seus~~ à crítica da velha Europa os seus labores, e-la Transpôdo as raízes do Brasil em demanda dos grandes

centros de cultura artística, tais como França, Itália e Portugal, elegendo também Turim que abria solenemente exposição, e lá expondo as efigies da República, do Rio Branco, Afonso Pena e de outros presidentes do Brasil"

"Mas Nicolina Vaz não se cingiu apenas à escultura de personalidades; o seu talento másculo e fortemente criador estendeu-se às diversas concepções de sua arte. São um encanto as suas fontes e seus outros trabalhos ornamentais, derramados pelos parques, pelas alamedas e pelos jardins do Rio, da Paulicéia, alguns deles. Não é tudo. Foi procurar as cidades dos mortos," "e erigiu nelas os seus monumentos".

"Ela plasmou trabalhos de tanta manha concepção artística, de tão fascinadora inspiração, que neles se prendem os nossos olhos num elevo indizível".

Não podemos ter melhor testemunho ²³
 nro que o do historiador e sociólogo Rafael
 Duarte, a respeito do valor de Nicolina Vaz.
 Ulbra sua, que sabemos em Campinas, a
 única, é o belíssimo busto do dr. Guilherme
 da Silva, em seu túmulo do cemitério
 da Saudade.

Nicolina Vaz nasceu em Campinas em
 1864 e faleceu no Rio de Janeiro, onde deu-se
 a 19 de outubro de 1941.

E, tratando-se da escultora campineira,
 quem deixaria de lembrar Selio Colucini, cam-
 pinense como os melhores, pois veio da Itália
 onde nasceu, para o Brasil, com apenas um
 ano de idade. Logo após a sua vinda ficou
 com a família em Campinas. Voltou a Itália
 para terminar seus estudos o que fez em Pietrasanta
 recebendo diploma e ^{e medalha de ouro,} honra ~~em~~ Academia de
 Carrara onde obteve medalha de honra e prêmio
 de viagem. Voltando ao Brasil, em Campinas
 continuou sua vida de grande artista, ~~professora~~
 lecionando e esculpindo obras primorosas, com
 o seu semblante ameno e radiante simpatia,
 obras repassadas de seu temperamento talentoso, como
 o monumento às andorinhas posto no jardim
 da biblioteca municipal junto à Prefeitura, e
 valiosos monumentos do bicentenário da cidade, e
 como a esplêndida águia que adorna o auditó-
 rio da Academia Campineira de Letras, além
 de inúmeras outras de vulgar brilhante-
 za. ^{que nasceu em 1910,} Selio faleceu em 1983, sendo sepultado
 em nossa terra.

Passou Campinas pelas fases de arquitetura, como outras cidades do país também passaram, ~~com~~ coincidência de tempo, mas conforme o próprio desenvolvimento de cada uma. É regamo por que:

Uma pequena povoação de épocas passadas, geralmente em zona rural de sítios como hoje dizemos, mas que no século dezoito eram chamadas de roças, tinha suas casas de pau-a-pique e cobertas de sape'.

Desenvolvendo-se o povoado surgiam então artífices mais competentes que vislumbram um mercado de trabalho em início e no qual ~~se~~ eles terão atividade.

Estes artífices permitem então o projeto de casas maiores, a começar pela tarpa, a chamada tarpa de pilão, feita de barro especial socada entre as paredes de uma forma de madeira. Este sistema de construção produz pare-

CMP 2.1.9.6.420 23
des de grande resistência como se pode
ver na Catedral de Campinas que se
mantém comparedes laterais e dos
fundos, de grande altura, de taipa de pilão.

As taipas permitiram então, cons-
truírem sobrados, que exigiam paredes
de mais apurada arquitetura, com
suas vergas curvas e seus interio-
res decorados, iluminados com o siste-
ma de gás acetileno, que se fabricava
no quintal da própria casa e que era
distribuído em cano de chumbo pelos
principais cômodos da casas, que
passaram a receber finos lustres de
cristal importados da Europa.

Tinham as taipas o seu ponto
fraco. Se muito resistiam ao peso da
construção, do madeiramento do assoa-
lho, do forro e do telhado, exigiam
uma defesa contra a humidade que

as destruíam.

Eram os grandes beirais os protetores das taipas; evitavam que por elas comessem as águas de chubvas e lançavam-nas distantes, ~~para~~ evitando que ficassem molhadas em suas bases.

Então as construções faziam-se em quadriláteros perfeitos, com telhados de quatro águas, com grandes beirais, janelas feitas de vigas curvas, sacadas com grades de ferro nas quais se penduravam lanternas que iluminavam o redor da casa. A água era trazida das fontes, os banhos não podiam ir além das grandes bacias, a iluminação dos quartos geralmente com velas e as de cozinhas e outros cômodos de serviço com o Candeeiro de pavio.



Mas a arquitetura evoluiu. Se de início os tijolos eram de grande tamanho e feitos nos engenhos e fazendas, para as construções em locais que dispunham de barro próprio e artífices que soubessem enformar o tijolo, o tijolo industrial surgiu feito em formas próprias de fabricação inglesa, visto em Campinas pela metade do século dezenove.

E o tijolo industrial de pequeno porte permitiu a construção de platibandas acima dos telhados e os escondendo, assentados sobre a taipá. Para receber e conduzir as águas dos telhados as grandes calhas de cobre vieram resolver o problema. Estas platibandas ofereciam painel para serem decoradas com azulejos e ofereciam bases para a colocação de estatuetas e vasos decorativos,

com isto surgiu uma segunda fase da arquitetura: as casas sem beiral, com platibanda e azulejos nas fachadas, segunda da terceira fase, a de construções de estilo neoclássicos, isto é de tijolos e reproduzindo a decoração clássica que teve a Grécia por pátria.

É a volta deste próprio edifício onde estamos, podemos ver os três estilos que marcaram a história da arquitetura em Campinas, como em demais cidades do país. No Pátio do Colégio podemos contemplar o prédio do Colégio com sua igreja, construções dos velhos beirais.

Em continuação a este prédio, na antiga rua do Carmo, hoje Roberto Simonsem, o segundo prédio, a esquerda de quem vai daqui, a anti.

ga residência da Marquesa de Santos,
é típica do estilo da platibanda.
É possível que ela tenha tido beirais,
depois substituído pela platibanda
como se fez em Campinas pelo pro-
prietário que quisera o seu prédio
acompanhando a evolução da arqui-
tectura.

E temos os prédios clássicos, da
terceira fase, ao lado do nosso edi-
fício, a Secretaria de Justiça e o
Tribunal de Recada, construções clá-
ssicas que se assemelham, e que
marcam o novo estilo também intro-
duzido em Campinas.

Em nossa cidade a primeira
fase arquitetônica se revelou nas sedes
dos engenhos de açúcar, e podemos re-
gistrar: o Solar Teixeira Nogueira, sede do
engenheiro do Chapadão, hoje fazenda

Militar do Chapadão, de um dos int^{ros} ³⁰
dutores da indústria açucareira em Campi-
nas, Joaquim José Teixeira Nogueira. Este
solar ainda se conserva no seu exterior
pelas suas quatro paredes, formando
um quadrilátero perfeito, com telhado
de quatro águas, com trinta e meio me-
tros de frente por ~~18~~ onze metros de fun-
do. Interiormente foi todo modificado, de-
molidas suas paredes internas para se
aproveitadas para o maquinário de bene-
ficiar café. Em sua fachada principal
aderiram-lhe recentemente um grande
galpão coberto, e serve hoje para uma
guarda-militar. Sua forma, a constru-
ção de seu telhado de beirais, suas mem-
bras fanelas de vergas retas bem indicam
a sua idade do alvorecer do século dezoito.

Um irmão do proprietário do solar
que acabamos de descrever, também em seu
engenho de açúcar, ^(Engenho da Cachoeira) construiu ainda maior
solar: foi o Guarda-mór Manuel Teixeira
Vilela. Sua antiga sede residencial tem
mais de vinte metros de frente, por mais de
quarenta metros de fundos; também um quadri-
lâtero perfeito, com telhado de quatro águas,

painéis de vergas retas. A parte superior
 deste solar, dispõe de grande saguão com es-
 cada, sala de visitas com mais de nove
 metros de comprida, sala de jantar de
 mais de quinze metros, sala de almoço
 de oito metros por seis, duas salas de servi-
 ças, uma com mais de cinco metros e outra
 de mais de nove metros e uma cozinha de
 onze por onze metros lineares; ~~cinco~~ ^{cinco} ~~quatro~~
 dormitórios e quatro alcovas. Além dos
 seus grandes salões não têm piso no andar
 superior, tendo, portanto o pé direito do solo
 do telhado,

Estes dois solares se caracterizam por
 um hábito não usado na capitania de São
 Paulo: os pisos térreos eram ocupados por
 escravos, enquanto em São Paulo se faziam,
 para os escravos, senzalas próprias, separadas
 da residência de seus proprietários.

Outro solar do açúcar, também ainda
 existente, é o da pesmaria dos filhos de Antônio
 Correia Barbosa, de Piracicaba, filhos estes que
 deixaram a terra dos pais mudando-se para
 Campinas onde adquiriram pesmaria. Nela
 construíam a sede canarieira, fundandoengenho,
 uma casa formosa de três corpos, um central

de sobrado, e dois laterais de um só piso. Internamente, a parte central, tanto a térrea como a superior, ambas ligadas por larga e bela escada em caracol. Pode-se admitir que o salão térreo se destinava às refeições e estadia da família como era o uso comum, e o salão superior para as visitas e festas íntimas como de hábitos.

A parte térrea, lateral da direita se destinava a comodos de serviços e a da lateral esquerda a quatro dormitórios como pudemos reproduzir pelos sinais de paredes de hamaim existido, e demolidas quando o belo e velho solar foi preparado para agasalhar o maquinismo de beneficiar Café.

Outros dois solares do açúcar que conseguimos conhecer foram, o construído de Padre Frei Francisco Branco Barreto de Camargo que só conhecemos por fora, obtendo dele uma fotografia; era um sobrado sumptuoso e, segundo informações de interessantíssimo interior, ~~mas~~

com seis janelas e uma porta no andar térreo e seis janelas e uma sacada no andar superior, grande beiral e aspecto imponente. Desmoronou por abandono.

O andar solar conserva-se em pintura feita por Miguel Dutra, o Miguelzinho e primeiro Dutra, que se acha no Museu Paulista, do Ipiranga. Era construção e propriedade do Major Teodoro Ferraz Leite.